

O UNIVERSAL

O UNIVERSAL. MARANHÃO, TYP. DO OBSERVADOR DE F.M. d'ALMEIDA,
1852.

6 NOV. - 23 DEZ. 1852 - NS. 1 - 4

OBSERVAÇÃO:

- O ORIGINAL APRESENTA PÁGINAS MUTILADAS, MANCHADAS E/OU
ILEGÍVEIS.

1 8 5 2

NOVEMBRO = NS. 1 - 2



IMPARCIALIDADE, JUSTIÇA, E TOLERANCIA.

O UNIVERSAL—PUBLICA-SE NO 1.º E 15 DE CADA MEZ, E ASSIGNA-SE NA TYPOGRAPHIA DO OBSERVADOR A 1\$000 RS. POR TRIMESTRE. — FOLHA AVULSA 120 REIS

PROSPECTO

Não obstante o título deste nosso primeiro artigo, não é intuito nosso o fazermos um longo exórdio de pomposas promessas, para ao depois a ellas faltarmos, o que não deixa de ser um comensinho nestes modernos tempos.

Seremos franco. — O motivo principal, que nos subjeitou á ardua tarefa de Publico escriptor, foi a parcialidade com que quase todos os Jornalistas e Proprietários de Typographias desta Provincia se prestão á publicação e á apreciação de certos artigos, que se lhes apresentam: uns são rejeitados, porque censurão os defeitos e crimes de Paulo, que é amigo dos Srs. Redactores ou Typographos; e aquelles outros igual sorte têm, porque fazem a devida apologia das virtudes de Pedro, que, infelizmente, não merece a amizade d'aquelles Srs!... D'estarte pois achava-se tolhida a liberdade de exprimir o pensamento, e nullificava a grande e proficiosa invenção do Immortal GUTTENBERG, cujo nome sempre com prazer será enunciado pelos amantes da Liberdade e do progresso.

D-mos pois o nosso cavaco á cerca da razão, porque nos propoemos a escrever; e ora o daremos do título que escolhemos para o nosso Periodico.

Baptisamol-o de—UNIVERSAL—porque elle não será peculiar somente a este ou á aquelle Escriptor, que o queira honrar com suas produções, quer em prosa quer em verso, mas sim será universal a todas as materias, e a todos os Escriptores, guardados os preceitos que se seguem, ainda que os escriptos por uma justa censura, venhão ferir as susceptibilidades da Redacção, porque todos as tem; e se perguntarem pelos nossos principios, somente responderemos com o insigne Poeta Portuguez.

Principios meus? ... Os da razão só tenho,

E' dever isentar os homens todos.

O UNIVERSAL, pois, é do formato em que apparece, e sahirá publicado em os dias 1.º e 15 de cada mez, por ora, sendo a sua subscripção trimestral, que se receberá com a entrega do 2.º n.º de 1:000 rs., e cada um n.º avulso custará 120 rs. Não ha nisto prejuizo aos Srs. Assignante, elles, ao de pois, o conhecerão.

O—UNIVERSAL—prehenderá o seu título tratando dos publicos negocios sem distincção de cores politicas; occupar-se-ha da censura do theatro; tratará da Moralidade, bons costumes e interesses publicos, sempre elogiando qualquer acto official, publico, ou particular, que de encontros for digno; algumas de suas columnas occupar-se-hão de Literatura, e de variedades—serias ou jocosas.

No sentido deste Programma, não se atacando o santuario da vida privada, accenta o—UNIVERSAL—qualquer art., communicado ou correspondencia, uma

vez que com precisão e decencia seja escripto e havendo responsavel, na forma da Lei, quando por acaso essa garantia for necessaria, pagando 40 rs. por linha de seus arts. quem não for assignante, e estes somente 20 rs. depois de 30 linhas, o que tudo se torna preciso para a sustentação desta publicação.

Aqui tem pois, todos os que precisarem, lugar para a publicação de suas defesas.

ORDEM DO DIA.

ENVENENAMENTO.

O *Progresso*, *Globo*, *Constitucional* e *Observador*, bem como o Sñr. Advogado Dr. Jorge Jardim, no Jury, muito tem dito á cerca do envenenamento. Infeliz subdito Portuguez Francisco José de Paiva, foi leido na noite de 12 do mez passado em a casa do Sñr. Coronel Severiano de Barros e Vasconcellos, e conduzido na madrugada do dia seguinte para o cemiterio da Santa Casa da Misericórdia, em deposito. O seu cadáver 3 dias depois de sepulta lo foi desenterrado, por ordem do Sr. Presidente da Provincia para se proceder á autopsia, em virtude de duas denuncias anonymas que recebeo, e outra que foi derizada ao Sr. Dr. D. Francisco, e que tambem lhe foi entregue, as quaes hoje fazem a base do processo a que se está procedendo.

Essas denuncias que já algumas pessoas tem lido, estão firmadas com data de 13, e apresentão como authores de tão horroroso attentado aos Srs. Commendador Fernando Antonio Vieira de Sousa, e Dr. Eduardo de Freitas irmão, e sobrinho do Sr. Dr. Chefe de Policia.

Custa-nos acreditar de que esses Srs. fossem capazes de semelhante crime, e fazemos votos, para que, tanto as denuncias, como a voz publica, não passem de miseraveis intrigas preparadas por alguns dos seus occultos inimigos, e que com quanto exista a realidade de um dos pontos das denuncias, que o suicidio, seja a causa do envenenamento, ou outro o criminoso.

Quem como nós assim pensa, parece que, não tem a menor vontade de ver esses cidadãos perseguidos e atormentados com semelhante crime; não podemos, porem, deixar de reclamar de elles proprios o confessarão a seu crime, pelo cumprimento da ley, pois que, havendo-se realisado como de facto se realisou o envenenamento denunciado, os Srs. Delegado de Policia Antonio Gomes Claro, e Dr. Promotor Publico Frederico José Corrêa, em vista do art. 175 do Codigo do Processo, os devião ter feito recolher a prisão, não fazendo as averiguações antes de presos os indigitados e o dono da casa em que fallou o infeliz Paiva. Imparciaes como somos desejamos ver a ley executada com igualdade para todos, ella não

foi feita para só ser observada contra os pobres e desvalidos. Quando um juiz, uma autoridade qualquer, tem receio de obstar, ou não se julga com a necessária energia para distribuir recta e imparcial justiça, não deve aceitar os cargos.

A nosso ver o Snr. Presidente da Provincia peccou, por quanto a dar credito a essas denuncias, não devia annunciar ellas, nem mandar proceder a exhumação do cadaver, sem ter um juiz que se podesse encarregar do processo, sem receio de ser suspeito ou dar-se por doente. A' nosso ver os indigitados diverião ter-se apresentado voluntariamente á policia, pedindo que os processassem afim de se justificarem, antes que fossem por ella chamados; mas nem tudo lembra em certas occasiões.

Não temos a menor indisposição para com os indigitados, que gosão de bom conceito, porem, em abono da verdade diremos: que se foram á autoridade policial encarregada do processo, impreterivelmente teriamos feito recolher a prisão incommunicavel, nem só os indigitados como o Sr. Coronel Severianno,—teriamos a necessaria independencia para os interrogar,—lançariamos mãos de todos os meios á nossa disposição para descobrirmos a verdade, afim de reconhecer-mos e poder julgar-mos sua innocencia ou criminalidade.

O Sr. Commendador Fernando, infelizmente indigitado como um dos authors desse crime, deve por certo estar bem magoado, porem, tendo elle por vezes exercido o cargo de Subdelegado do 2.º districto, do qual é 1.º supplente, e exercendo actualmente o cargo de Juiz Municipal da 2.ª vara do qual também é supplente, tem dados sufficientes para julgar da nossa franca linguagem, isto é, se em identicas circumstancias não obraria sendo Juiz, pela forma que havemos expellido.

Não podemos também deixar de lembrar aos redactores do *Progresso*—que o Escriptor Publico—deve na narração dos factos ser consciencioso. Não nos dirá que culpa teve a ESTRELLA nesse envenenamento?

Essa forma de dar noticias desacredita a quem as escreve, e justifica a quem se deseja nodoar.

Esperamos com tudo a bem da moralidade publica, e da segurança individual, que as autoridades policiaes e criminaes cumprirão o seu dever. Que o Sr. Delegado Claro, em quem depositamos confiança, auxiliado pelo Sr. Dr. Promotor Publico, se portará neste processo com toda imparcialidade, e energia, afim de que descobrindo á verdade, faça apresentar os indigitados, ao publico, com a reputação tão pura como a claridade do dia, ou manchada com o ferrete do—reprobo: é a nossa convicção.

CAMARA MUNICIPAL.

A Illustrissima actual alguma cousa de utilidade tem feito á esta cidade, ainda que seus rendimentos não sejam taes como muitos o suppoem, sendo uma grande parte d'elles consumidos em custas de processos quasi sempre mal intentados, ou apaixonadamente julgados. Negar porem que ella tem sido indifferente em promover os beneficios de que carecem os seus municipes, é contrariar uma verdade reconhecida.

Não obstante lutar com grandes difficuldades, não obstante não ter como devia auxillidade pelo Governo da provincia, tem sempre procurado melhorar a sua receita para poder fazer face as suas despesas.

Tendo conta os actuaes Veriadores tiverão de lutar com um não pequeno deficit, hoje porem nada deve essa corporação. A escripturação que tinha era quasi nenhuma, e mal organizada, o que hoje não acontece, e actualmente a sua secretaria está bem montada, e trabalhacom tanta regularidade como qualquer repartição de Fazenda.

Tem merecido dos seus membros, especialmente do Sr. Dr. Maya geral attenção as obras publicas de que ella se tem podido encarregar, sobre todas as que se tem feito, e se estão acabando na Quinta do matadouro publico, que hoje é toda de sua propriedade. Ahi construirão-se grandes e diversos armazens para deposito dos couros, que antigamente erão batidos, e estendidos pelas ruas, e guardados em armazens nos centros da cidade em prejuizo da salubridade publica; também pelos mesmos motivos ordenou que só ali se podesse conservar, criar, sangrar e esquartar Porcos.

Prompto se acha um grande curral de pedra e cal com todas as commodações para o Gado, o maior talvez que tenha o imperio: quase promptas se achão a beiramar, as casas de matança e arrobação, reinando ali o maior acceio possivel, o que antigamente se não dava e quase se não podia transitar pelo rio Bacanga, por causa do má cheiro, o que hoje não acontece, graças aos cuidados dos actuaes empregados do Açougue.

Se não podemos negar o patriotismo e zelo que a actual camara tem desenvolvido, não podemos deixar de taxal-a de injusta, ordenando aos proprietarios de casas e terrenos da rua do Sol, para que em um prazo tão curto promptifiquem as—testadas—de pedra branca.

Se houvesse abundancia dessas pedras, se o mesmo Governo, e Ella, não tivessem embaraços para as obter, nada diriamos; mas, assim não acontecendo, é exegir impossiveis. Esp. ramos pois que os Srs. Veriadores, attenção a estas nossas observações, em quanto não houver nesta cidade a venda abundancia dessas pedras.

THEATRO.

E' fundada sobre um principio logico, queremos dizer, é deduzida da noção do proprio damno a opposição com que teve de lutar o Sr. Germano logo ao chegar á esta cidade, opposição fomentada por esses famintos saltibancos, que arribando do hemispherio europeu em busca de novas terras e fortuna, nos dias de fevereiro deste anno pizarão terra maranhense, apoderando-se do nosso Theatro em março seguinte.

Esta opposição, filha da ganancia, aconselhada pelo proprio interesse delles, tem por fim realisar um pensamento de conservação, de lucro e de estúpido egoismo dessas pseudos—artistas que estabelecerão entre nós uma época theatral, lugubre sobre modo, em menoscabo da civilização da Provincia. Inscientes da mais leve noção da arte dramatica, util lhes era, alojados no nosso Theatro, e apoderados do nosso palco, trancar as portas delle a qualquer artista que podesse com a sua presença arruinal-os, denunciando o quanto elles são rudes, e estranhos á arte que inculcão professar de modo tão desairoso, querendo acobertar sob o manto de Thalia as pathacadas dos circos, os grotescos dancados das praças, que excitão a hilaridade da plebe e desvio dos homens esclarecidos.

Neste intuito de se conservarem, dando essas banaes representações em que consumirão mezes, não foi possivel áquelles que caprichosamente os protegão, assim desabonando a arte, que os desculpavão, deprecando misericórdia para elles, se não anojarem de tanta ineptidão, entregando-os ao abandono. Atterrada por uma perigosa crise financeira, e prestes a fazer banca rota, a Comissão administrativa do Theatro, vendo diariamente avultar o deficit, porque tudo quanto era receita e subvenção do—Theatro desaparecia na voraz despesa das farças; do ordenado de Luiz Miró e no dispendio de um celebre guarda-roupa, na compra de fazendas podres, manchadas adulteradas na qualidade e no preço, crescidas especulativamente na quantidade, e evaporadas no fio devorador da

thesoura do mestre-alfaiate, tomou o expediente, para salvar a sua administração, de especular também com a novidade de melhorar o quadro representante, já chamando para o Theatro o Sr. Lemos, já promettendo mandar contractar o Sr. Germano em Pernambuco, Actor de nomeada no Paiz, e cuja promessa se realisou bem a contra gosto de Miró e seus collegas da melgueira theatral.

Chegando o Sr. Germano a esta capital na qualidade de artista dramatico, teve de lutar com a opposição, não de um artista rival com o qual desairoso lhe não fosse entrar em competencia, cujo resultado propicio ou adverso, d não deslustrasse; foi com a opposição de um Ribeiro (quem o diria!...) de um Pinto, de um Assumpção, capitaneados por um Luiz Miró, cujo emprego no Theatro é escrever a tabella, que indica as horas do começo dos ensaios, que é lei para seus desaffectedos, mas sem acção para elle e sua metade, que vai ao ensaio quando quer e as horas do seu agrado, e da qual nenhum caso fazem os seus validos, sujeitos immunes nas disposições de um celebre regulamento, cuja confecção parece lavra sua, onde legisla sobre aquillo que tem exuberantemente demonstrado ignorar.

Mas o Sr. Germano, de sobra experiente para nullificar os manejos degradantes dos seus ridiculos emulos, facilmente remove para longe o antagonismo que contra elle levantarão esses farcistas, que alguns mezes atraz saltarão nas praias de Maranhão, cabisbaixos, e abatidos, procurando no modo e no aspecto, na attitudo e nas suas maneiras, inspirar em seu favor a compaixão e beneficencia, tanto, quanto hoje altivos, protervos, orgulhosos, altanados e pretenciosos, ousão como ingratos hospedes, nos fazer guerra nas pessoas dos Artistas do Paiz, querendo converter o Theatro maranhense em morgadia sua, ou como se elle fôra terreno colonial, cujo roteiro de direito pertence aos primeiros cultores que o povoão.

Por maistractos que demos ao nosso juizo, não podemos facilmente conciliar com a razão e a justiça o como um Pinto (1), esquecido do quanto vale na arte dramatica e do seu merito relativo n'ella, não lhe sendo mister, senão voltar-se um pouco para ver o seu passado, que tanto contrasta com o presente que elle saborea aprasiavelmente, se olvidasse de si proprio e do valor que lhe é relativo, para aspirar a honra de empresario do Theatro de Maranhão, pois que de outra maneira não se pode explicar a opposição que com os seus condignos collegas fazia e faz ao Sr. Germano, aquem sobraão titulos e illustração para que lhe fosse outorgada a empresa e direcção do nosso Theatro.

Um Pinto director e empresario do Theatro Maranhense no acañha lo periodo de alguns mezes; passar do pouco, melhor diremos, do nada ao tudo; sendo hontem o que todos nós sabemos, e hoje um figuracho! Que phase brilhante da adversidade para o estado de ventura!... Que rapida transição!... Passar de farcista a actor de primeira plana contra a natureza e contra a arte, e com a mesma rapidez subir ao fastigio de empresario e director!... O ventre feliz de venturosa mãe!... que lança no mundo este portento de boas graças da sorte!

Se virmos effectuado o seu sonho, em verdade que podemos affirmar que este sujeito é um desses herões filho da fortuna, digno de que se lhe dedique um poema, capaz de obscurecer o passo brilhante que leva Faustino do Haiti a levantar para si no terreno da america um rude throno africano.

Mas o Governo da Provincia, dando a empresa do Theatro ao Sr. Germano, fez abortar os altos projectos do Sr. Pinto que assim vê escorregarem-lhe das unhas as grandes lucros que já contava talvez reduzir a oiro para largar-se em occasião opportuna; porem, pode muito bem ser que se illudisse em seus calculos, pois que uma cousa é ser empresario que está sujeito a mil incidentes

(1) Este sujeito é digno de eternas luminarias.

desastrosos, outra representar farças, e dispor de um guarda-roupa, cujas despesas correm por conta do Theatro.

O Sr. Germano é uma entidade importantissima no nosso Theatro. Tendo elle de ir a Pernambuco contractar actores para sua empresa, a sua ausencia tem sido sensível a todos os respeito. Chamamos a attenção do leitor para a representação do Drama —O Tributo das Cem Virgens—na qual bem palpitante foi a sua falta.

COMMUNICADO.

O Theatro de S. Luiz, ou o Snr. Germano, os de tractores, e o Pacato.

Muito se tem escripto sobre o nosso theatro—artigos mais ou menos apaixonados se tem estampado nos jornaes desta capital, no *Globo* sobre tudo; pois que os actores estrangeiros o tem como o seu vehiculo de defesa. Actores, que não merecem este nome, actores em fim que segundo a voz publica a primeira vez que representação é no palco do Maranhão, são louvados e até engrandecidos pelos communicantes, correspondentes e folhetinistas do *Globo* de uma maneira espantosa.

O Snr. Pinto, á quem não se nega um transcendente merito artistico, pôde com razão ser elogiado, e da nossa parte temos para isso concorrido quando apparece occasião....

O Snr. Germano, genio artistico de uma reputação bem firmada, teve o dissabor de incorrer no desagradado de um certo correspondente do *Globo*, que o tratou de uma maneira desabrida, e pelo simples facto, segundo nos consta, de fazer sombra á um outro genio estrangeiro.

Não entramos n'estas particularidades, por que fomentar um odio inveterado não é nosso proposito. Entretanto para que os maranhenses avaliem á que ponto tem chegado a protevia de certos individuos declaramos que uma commissão de " " tem tentado publicar em todos os jornaes um indigno libello contra o Sr. Germano, porque pela imprensa repellio os defeitos, que lhe emprestavam; com tudo houva aos editores de todos os jornaes da capital, nenhum o tem aceitado.

O Sr. Germano, felizmente, não cabe em depreciação, porque os maranhenses já sabem d'onde partem essas setas envenenadas, que um dia, faltando-nos a paciencia, irão cravar-se n'aquelles que as dirigem tão traiçoeiramente.

Appareceu no n.º 87 do *Globo* um communicado assaz bem escripto, e temos a satisfação de declarar que partilhámos de algumas de suas idéas quanto á maneira de notar os defeitos dos actores; mais permitta-nos o author que lhe façamos algumas observações á respeito.

O author do communicado parece querer amparar os artistas dos golpes irreflectidos, que tentão dar-lhes pessoas menos habilitadas, e quase que não admite a critica pela imprensa, designando a platéa como tribunal competente, e mesmo n'este caso ainda fica indeciso; porque (diz) um apaixonado pôde patear, julgando ter comprado a reputação de um artista por 18000.

A nossa opinião é—que a platéa do Maranhão não pôde dar o signal de desapprovação, attentos os insultos que recebe; pois seria travar uma luta com aquelles que gritão tão desaforadamente—fôra burro! O communicante do *Globo* não ignora este facto que tantas vezes se tem dado.

Por outra parte, relações de amizade e pedidos incessantes fazem correr as mãos pela cabeça.

A imprensa pois é o unico juiz. Se a platéa quizesse usar do direito, que lhe não pega o communicante, o Sr. Assumpção, na representação do drama *Luiz de Camões* teria amargado uma soffrivel pateada. E' incontestavel

que este Sr. esteve horivelmente insipido. Quando, tendo regressado da Africa, refere a catastrophe da morte de D. Sebastião, seria impossivel uma explosão de patada se não estivessemos em S. Luiz do Maranhão.

Moliere confessou seus descuidos scenicos—confessou descuidos que escaparam aos espectadores, disemos nós, e que sua alta capacidade artistica desculpava se tivessem sido notaveis. Mas o mesmo não acontece, por exemplo ao Snr. Assumpção e outros de igual jaez; cujos erros e desazo saltão quotidianamente aos olhos do publico, que pacientemente os atura.

A platêa do nosso theatro, repetimos, é na sua totalidade indulgente, e composta de *illustres peitos lusinos*, que mais que, ninguém, sabem apreciar o Snr. Assumpção.

Condor.

Pedido amigavel, justo, e innocente.

Roga-se aos Illustrissimos Senhores, Dr. Antonio Rego, Dr. Antonio Joaquim Tavares, e Commendador Domingos da Silva Porto, membros da directoria do Theatro Nacional S. Luiz, as precisas providencias nas distribuições de bilhetes de platêa e camarotes nas noites de beneficio. Igualmente se pede a SS. SS. que mandem trancar em algum bahú, ou queimar, todos os caixilhos, contendo o regulamento interno do mesmo Theatro, que estão pendurados em algumas partes do mesmo edificio; por quanto SS. SS. não tem a necessaria energia para os cumprir, como aconterece na ultima recita de 31 do passado que tendo uma familia respeitavel aceito um bilhete do beneficiado, e apresentando-se com elle, achou dentro um intruso; mais como esse intruso; era o Snr. Cirurgião-mór... a illustre directoria entendeu que devia conservar o intruso, e que a familia voltasse.

Está pois provado o que disse o Snr. *Jorge Sobrinho* na Assembléa Provincial—« que os porteiros de camarotes eram desnecessarios, que se fazia com elles uma despesa superflua—»: fica tambem provado o contrario do que nessa occasião disse o Snr. Dr. Tavares—« que eram muito precisos esses porteiros, para evitar que algum intruso se fosse encaixar em algum camarote—»

Saiba pois o publico, que não é a primeira vez que alguns pais de familias, apesar de se terem apresentado com os verdadeiros bilhetes, tem voltado para suas casas envergonhados, por terem encontrado dentro outros, que não tinham bilhetes, mas sendo estes *fidalgos* a directoria recua. No Maranhão uma ordem ou lei qualquer é só executada com os plebeos, fracos e desvalidos.

Temos disto bem recente exemplo.

Em abono porem, da verdade, deve-se dizer, que honra seja feita ao Snr. Commendador Porto, que tão indignado ficou nessa occasião que offereceu o seu camarote aos Snrs. Vieira, e João Ignacio da Silva, os quaes agradecendo, não acceitaram.

Publicações a Pedido.

Offerecido ao Sr. Germano Francisco de Oliveira, por occasião do seu embarque para Pernambuco, no dia 31 de Outubro de 1852.

SONETO.

Recebe caro amigo a despedida
Que de pura saudade vai rogada,
E possa em tua mente ser gravada
A lembrança que nos fica repremida.

Choraremos desde agora esta partida
Pelo tempo que seja retardada,
No lugar em que tua alma penhorada
Vai d'leias fruir d'essa querida.

Recebe o nosso adeos, adeos saudoso;
Sempre firme será nossa amizade,
Sejas tu infeliz, sejas ditoso:

Em nós, encontrarás sinceridade,
Para o futuro que assoma portentoso
De grande prazer p'r'esta cidade.

Por um dos seus amigos.

AÇOUGUE PUBLICO.

Balanço do Açougue Publico da Camara Municipal da Capital no mez de Outubro de 1852.—A saber.

Passarão de Setembro para o presente mez, com o imposto municipal pago.	112 rézes
Idem idem por pagar.	6
Entrarão por mar.	401
Idem por terra.	403
	924

A deduzir

Sangrarão-se para o consumo publico.	835
Passão para Novembro com 40 devendo o imposto.	89

Porcos.

Entrarão.	138
Sangrarão-se.	153

Couros.

Armazenarão-se.	5:238
Exportarão-se.	5:617

Observações.

As rezas que passão pertencem 42 á Antonio José Fernandes Guimarães; 22 á Bernardino da Costa Neves; 12 á Antonio José Fernandes x. C. e; 8 á Domingos Salgado; e 5 á Antonio Victorino Madail.

Demonstração do rendimento.

De Gado.	386\$000
De Porcos.	153\$000
De Couros.	168\$310
De Sebo.	\$980

Somma. 708\$490

Administração do Açougue Publico da Camara Municipal do Maranhão 31 de Outubro de 1852.—Joaquim José Madeira de Mattos—Antonio Bernardino Jorge Sobrinho.

NOTICIA LOCAL.

Corre como certo, que o Snr. Dr. Frederico José Correa, Promotor Publico desta capital, esteve para ser demittido, em consequencia de uma correspondencia, firmada com sua assignatura, (inserta no *Observador* de 3 do corrente), e na qual censurava acrimosamente a S. Exc. por uma tração que diz lhe fizera. Corre mais que esta demissão não teve lugar em virtude de humas *rasoaveis* reflexões do Snr. Dr. Dias Vieira, intimo amigo e conselheiro privado de S. Exc., o qual lhe ponderou a inconveniencia de uma tal demissão na quadra actual, em que já S. Exc. (disse elle) tinha perdido grande parte do seu prestigio, accrescendo—que S. Exc. não tivera durante sua ausencia na corte um amigo mais *obsequioso*, e *espadanchim*; por seu respeito do que a esse Snr. o que era ajuntar a ingratidão a imprevidencia das cousas, e que S. Exc. devia ponderar que era um pouco me lindroso menoscabar um *Escriptor*, como o Snr. Correa. Entretanto ha quem diga, que a correspondencia era apenas um motivo plausivel para a demissão do mesmo Snr. Correa, pois que a verdadeira causa d'ella forão as censuras que no Jury fez contra a má direcção que dera S. Exc. ao negocio do envenenamento do Snr. Paiva que S. Exc. tem aliás tomado muito *apetito*...

Será isto verdade? o tempo dirá...

UNIVERSAL.

IMPARCIALIDADE, JUSTIÇA, E TOLERANCIA.

O UNIVERSAL—PUBLICA-SE NO 1.º E 15 DE CADA MEZ, E ASSIGNA-SE NA TYPOGRAPHIA DO OBSERVADOR A 1\$000 RS. POR TRIMESTRE. — FOLHA AVULSA 120 REIS

O UNIVERSAL.

Dando nós os emboras ao Exm. Sr. Conselheiro Luiz Pereira Sodré, nosso ex-Ministro nos Estados-Unidos, pela sua boa vinda, felicitamo-nos de o ter entre nós; por quanto honra é do Brasil ter filhos iguaes a S. Exc., que lá, em longe, e extranho Paiz, vão honrar a sua Nação e ao seu Imperante!

A deferencia que o Governo dos Estados-Unidos da União (Anglo Americana) teve para com o Exm. Sr. Conselheiro Sodré, assas manifesta o alto e eminente merito deste Representante do Brasil, e assim tambem a extrema qualidade apreciadora e obsequiadora desses nossos mui Dignos Aliados!

S. Exc., que é dotado de uma escolhida educação; e que alem de ser acreditado nas nossas mais proeminentes capacidades litterarias, é tambem hoje apontado como o primeiro Diplomata do Brasil.

Um dos primeiros vasos de guerra (a vapor), da Esquadra da União, a *Fragata Saranac*, foi promptificado, em *Philadelphia*, para transportar S. Exc. e sua familia, the á Corte do Rio de Janeiro, e mui positiva correspondencia official, do Governo dos Estados-Unidos, acreditada S. Exc. ante o Throno Imperial, pedindo a sua volia! E' demasiada, porem devida, acreditacao de um Diplomata!! O Governo do Imperio, mormente S. M. O Imperador por si, não deixará de ter a honra do condescender com tão distincta rogativa; principalmente quando ha o exemplo de annuimento do Governo da União, com o do Brasil, para a estada na Corte do Sr. Ministro *Tod*, em 1848. Só deferencias aquilão deferencias; porem tambem aqui temos honra da nossa Nação, e dever para com a amiga.

Assaz conhecidos são os periodos dos Jornaes Estrangeiros e Nacionais, a este respeito, por isso os deixamos de transcrever.

Se bem que ainda não tivemos a honra de ver e tractar ao Exm. Sr. Sodré, temos a intima convicção das qualidades d'elle, que acima apontamos, e que alem do ser um mui digno cavalheiro, é dotado de sciencia e outras muitas prendas, que geralmente, o tornão digno das pessoas que o tratão. As informações sobre que escrevemos são de pessoas tão fidedignas e habilitadas, que nos não trema a mão e a consciencia de a darmos como nossa.

A um outro digno cavalheiro, o Exm. Sr. Brigadeiro Manoel Telles da Silva Lobo, coube a honra de aqui hospedar a esse seu Benemerito Amigo, a quem nos consta trata com toda aquella deferencia de que é digno o Hospede, e da qual é bem notoria a hospedagem do Exm. Sr. Lobo.

O Exm. Sr. Sodré ha sido mui visitado, e todos que tem essa honra se retirão cativos das delicadas maneiras de S. Exc. Ainda a fortuna nos não aprouve essa honra.

Faltão-nos linguagem e merito para descrevermos com a verdadeira apreciação o acolhimento geral que dos Maranhenses ha tido o Exm. Sr. Conselheiro Sodré; é romatamos pedindo a Deos que inspire á S. M. o Imperador no que tem de obrar a prol deste distincto Cavalheiro.

A Directoria do Theatro offereceu seu Camarote (no expectaculo de 14) á Officialidade da *Fragata Americana Saranac*; e depois d'ella ahi se achar foi occupar a Tribuna por especial convite do Exm. Sr. Presidente da Provincia.

Consta que a Sociedade *Terpsicore* vai dar á mesma officialidade um Baile, para o qual tambem será convidada a officialidade de nossa Marinha.

THEATRO.

Resposta ao Globo.

Não podia o nosso UNIVERSAL seguir o curso de sua publicidade, sem que tivesse de encontrar em sua passagem o ridiculo espadanchim lusitano que de tudo faz questão para d'ahi fabricar miseraveis artigos, com que se enchem as columnas desse papeluxo que se chama *globo*.

No 1.º n. da nossa folha nenhum caso fizemos delle, e até não nos occorreu se existia neste nosso Maranhão essa entidade mesquinha, por isso os junos que emitimos no numero anterior da nossa folha, que nada tem de apaixonado, mas tudo de verdadeiro, fundado em factos, nem sequer de leve podião offender a esse modon Quixote. Mas que! fallar do seu collega *Pinto*, e do predilecto *Miró* e considerat-os commicos ou farceitas, é offender de perto a esse folliculario que julga niso a nacionalidade ultrajada, do mesmo modo que na questão da prisão do Portuguez *Domingos*, por cuja occasião fallou com tanto atrevimento e audácia, como se estivesse em terreno proprio, fazendo parte da sucia de Maria da Fonte, e vociferando contra o legitimo governo da sua Soberana.

Estamos redudidos a um abatimento sem igual, a querormos ir de accordo com o frivolo rabiscador do *globo*, lisongejando suas mesquinhas paixões. Para não merecermos attenção; para na sua opinião serem os Brasileiros, devemos dizer que o Theatro em sua expectacão actual se acha bem montado; que o *Milhões* é tão bom como o *Pinto* e como o *Miró*, e que todos os três são de boa laiz; que são sujeitos dignos de toda consideração na arte, indispensaveis e necessarios; que o *globo* e a sua grei são tambem necessarios, que o seu rabiscador é uma penna da maior importancia, assim na provincia, como do imperio; e finalmente que acabamos por bradar—Vi-vão os paiz e presentes—Sem tal circumstancia não mos classificamos *Brasileiros honrados*, e *espanhóis da vida*. Oh!... isto é que é ser Brasileiro amante do pais nos interesses do *globo* e dar-se por aliciados.

O rabiscador do *globo* tomou logo a pena a qual

do Theatro, porque os comicos quasi em sua totalidade são da mesma seita que elle; pois a serem todos nacionaes, elle teria applaudido e exaltado a opposição que fazemos á ineptidão dos que deixamos referidos, considerando-a ainda muito fraca e comedida. E a prova ahí está nos escriptos que tem publicado.

Quando se trata de abater e humilhar o Artista Brasileiro, lêo o *globo* que é o poste onde se vão affixar essas infamações; ahí se vê que tudo quanto é do paiz é pessimo, mas as *cousas do Reino* são bons actores, são da eschola lisbonense, *alumnos do conservatorio, sujeitos—á cuja reputação se acha ligada a existencia do nosso Theatro*.

O nosso Theatro sempre existio, gosando de melhor conceito do que esse que actualmente tem, e a sua existencia, ligada á reputação de um Ribeiro e de um Pinto muito tem perdido, bastantemente se tem desacreditado. Pode entender do dramatico um Ribeiro que veio aprender a ler nas taboas de suas scenas (se é que elle já o sabe)? Não me direis vós, Sr. do *globo*, que é agora que elle tem melhorado de sua primitiva rudesa, dessa basta cegueira em que se achava, e que tudo é devido a este bom povo e melhor Theatro, como o qual elle jamais encontrará outro?

O que era esse vosso adorado Pinto e o que é ainda? Um sujeito melhor do que o Ribeiro no baixo comico, mas que ainda não passou disso, e nem passará por lhe não ser possível estudar e comprehender os papeis consideraveis dos grandes dramas. Não o vedes nas occasiões em que se apresenta a fazer grandes papeis, estragal-os completamente? Não tendes ouvido a sua declamação estropiada, toda truncada, toda picareasca, em vez de seria e congruente? Não vedes os seus mexidos de scena, suas posições de Alceides, tão injuriasas para o dramatico? No vosso Ribeiro que arte ha, quando excita a vossa hilaridade; que ha á apreciar nesse *Aleiro*.?

Dizeis que o publico o palmeia. Não confundaes o publico em sua totalidade com esses palmeadores; não confundaes a apreciação desses com a opinião do publico, que muitas vezes perdendo a paciencia para aturar tantas banalidades, que conspurcáo a arte, rompe em geral desaprováo. Se ha quem ria a os esgares e mogigangas do vosso *reputado* Ribeiro, é porque se torna preferível á má representação de um drama, como esses que vêdes representar, as bobices de um Ribeiro; é por isso e nada mais. E' isto o que quotidianamente observamos.

Vos persuadis que a existencia do Theatro Maranhense depende da presença do vosso Pinto e do vosso Ribeiro? Na verdade que para pensardes tão miseravelmente é preciso que estejais cegamente apaixonado, ou que não comprehendais o que seja Theatro. Se affirmasseis que os vossos *incensados* tem a existencia ligada á existencia do nosso Theatro, porque em outro Theatro jamais representarão; e que acabar com elle seria pôr termo á carreira, dramatica do Pinto e do Ribeiro, avansariéis á uma verdade incontestavel. Não vos persuadaes de que os vossos *reputados* deixem esta boa terra para irem fazer brilhar em outra parte o *talento artistico* que a vossa imaginação fantasia n'elles; não vos persuadeas disso, nem que o fucturo empresario que lhes não pôderá dar de certo por suas *brilhaturas* scenicas o mesmo salario que actualmente fruem, os contrate por 20:000 mensaes. Vós os vereis ainda pregados aos bastadores do nosso Theatro, agarrados ás taboas de nossa scena, como o naufrago ao fragmento do barco que se espedaçou no temporal; vós os vereis incessantemente costeando o Maranhão e o Pará, e por ultimo deitarem ancora em nosso porto por uma vez, porque neste caso seguirão o vosso exemplo, pois apezar de saberdes que aqui não se avalia o merito devidamente; e que o vosso *coruscante* talento de rabiscador de gazeta não ha de ser qualificado, como pedem as honras do vosso genio *diamantino*, vos ide deixando ficar por aqui, tão esquecido, como o *frade* que vive fora do seu convento, sem fazer parte das promoções hyerarchicas da Ordem.

Quem sabe se tambem julgaes a vossa reputação de gazeiro necessaria á existencia da imprensa maranhense? Sois digno do riso na proposição que avancastes a respeito do nosso Theatro, e dos farceistas *Ribeiro e Pinto* e do ex-director Miró. Aconselhaes a este para que sirva no Theatro sem que por isso receba salario, como se lhe fosse facil ou possivel, porque, quando elle se resolve a deixar uma capital como Lisboa por este ignorante Maranhão, foi pela melhor vantagem que a nossa terra lhe offerectá. Os grandes talentos sobre-sahem nas grandes cidades; entretanto os *jovens talentosos* Ribeiro, Pinto e o *abalizado* Miró, correndo das côrtes, se vem acoutar n'uma pequena cidade, onde talvez não possam respirar livremente, como é mister, aos talentos superiores.

Diz o artigo da folha *globo* o seguinte:

« Nem sabemos o que é mais para admirar, se a *ouzadia* d'esses pseudo escriptores, se a condescendencia de quem deixa ver a luz publica a esses gritos &, &. »

Audacia, insolencia inaudita, é a facilidade e sem sermónia com que esse gazetista da *outra banda* se expressa contra uma folha do paiz, que nenhum caso tem exhibido fazer d'elle e de sua folha, senão citando de passagem um communicado que julgavamos não ser lavra sua; salvo-se elle se faz cargo de forjar correspondencias e communicados para communicar á sua folha. Indulgencia grandissima é a nossa o consentir que esse gazeiro estrangeiro falle dentro dos nossos *muros* com tanto despejo e cynismo, como agora o faz, como fez na questão do Portuguez Domingos, que já citamos, procurando desta maneira, digna de severa correcção, complicar interesses inter-nacionais; querendo tornar odiosas as Authoridades da Provincia e o seu Governo com uma polemica de balcão de quitanda. Foi neste caso que exhibistes atrevimento e audacia, patenteando o Governo e nós mesmos demaziada condescendencia em ouvir a sangue frio as vossas bravatas de honra nacional. Então não pensastes que seria muito justo ~~que os fôrmos~~ quebrar a typographia onde se imprime o vosso *globo*, e que as Autoridades offendidas em suas susceptibilidades e reputação administrativa que quizesdes manchar atrevidamente, vos mandassem processar e fazer recolher ás lojas d'aquelle sobrado, sito no largo de Palacio, onde só por entre grades podesseis gozar da alma luz do dia?

Então não houve audacia da vossa parte? Agora provocaes e insultaes a redacção do UNIVERSAL, chamando-a *redicula*, mimosando-a com o epitheto de *audaz*, chamando seus callaboradores *miseraveis* escrivinhadores.

Se os hostilizados no primeiro numero do nosso jornal (se se pode chamar hostilidade a nossa maneira conscienciosa de estirpar os abusos e altanerias desses que chamaes *grandes* artistas) nos viessem responder em desforço do que lhe dissemos, nós encarariamos n'elles homens que se defendem, por se suporem aggreddidos; mas vós, gazeiro rabiscador, que nada tendes com a nossa questão, porque nos vindes insultar tão impudentemente, vós extranho ao nosso litigio, que nenhuma offensa tendes de nós recebido? Foi a vossa mania de rabiscar artigos insulsos e ociozos em outros cazos, revoltantes e offensivos agora, que vos conduzio a atacar a torto e a direito a quem vos não conhece e nem de vós tracta?

Miseravel sois vós que contendeis, altercaes, e insultaes a quem ainda vos não deo causa para os vossos baldões; miseravel escrivinhador sois vós que formaes questões frivolas para enclurdes nas columnas da vossa gazeta, indo buscar para as vossas discussões a pedra que está lançada no largo do Quartel com umas arinas quebradas, na qual figurastes abatido o brio da vossa nação, a sua honra e gloria offuscada, se essa pedra não fosse conduzida, não sabemos para onde, afim de que vos podesseis rever n'ella e adoral-a. Sois muito patriota, mas é pena que havendo nesse vosso coração tanto amor patrio, vos conserveis tão distante da terra em que nascestes, a qual

pode de um momento para outro carecer de filhos tão extremos, e vos achareis por isso impossibilitado de á socorrer a tempo. Tanto fallastes, e tão pouco diestes a favor da chára pedra, na qual quizesdes fazer persuadir aos vossos patricios que se firmava o timbre da nação; mas a final a pedra lá está deitada e com ella o timbre da vossa fantasia: ninguem se moveo ao vosso chamamento, assim desprezando as vossas reclamações *desinteressadas*. Seria porque em vossas palavras descobrissem alguma cousa que vos fosse pouco airosa, ou foi porque contemplarão em vós um louco fanatismo de amor patrio. Vós que nada perdeis, porque não fizestes um bem elaborado artigo de fundo demonstrando que tambem era contra o timbre da nação dar-se o caso de se fabricarem no terreno portuguez paos de carne de gato e de creatura humana; que era indigno do seculo, e um attentado contra a sociedade humana essa especulação mercantil; porque d'aqui mesmo não alcastes a voz contra esses infames que taes delictos perpetraram, pedindo ao governo do lugar que os fizesse punir exemplarmente, e aqui se mandasse atirar ao mar todos os barris de paos que entulhão os armazens. Oh! neste caso haja silencio, que a vergonha e oprobrio d'essa industria nefanda não recaem sobre nós, porque então. . .

Depois de nos insultardes procuraes lançar-nos o rediculo, dizendo que só queimamos *podre incenso* ao nosso falso *idolo* de quem somos sacerdote *falso e hypocrita*.

Hypocrita nos pareceis vós, que se não nos enganamos, tendeis a especular com o vosso inculcado patriotismo que farejais em toda a parte e em todas as cousas, como o cão fareja a caça, para d'ahi tirardes por illação uma ideia patriótica de vós. Quem sabe se será com vistas de sustentardes a vossa folha, que em verdade muito deve importar ao vosso ventre, assim como é conveniente ao *Pinto e Ribeiro* que nenhuma alteração haja tendente a mudar os negocios theatraes, pois bem vedes que assim lhes vão para o ventre maiores vantagens. A ser certo o que hypotheticamente acabamos de estabelecer a vosso respeito, nisto é que ha hypocrisia, e do vosso patriotismo que endeozaes, vos convertestes em sacerdote falso, ou antes, em fanatico bonzo.

Falso idolo é o vosso que é o idolo do interesse, que depois da vossa audacia vos da a linguagem de que uzais.

E' o interesse de imprimir os cartazes e noticias, que vos vai rendendo os cobres que vos impelle a tanto despeito para com nosco. Alem deste idolo cuja devoção de tão longe vos trouxe, nada mais vemos que constitua serio objecto de vossa adoração.

Declamais pela conservação do Theatro tal qual achasse organizado, com todos os seus vicios, com todas as suas humilhações, com toda essa despesa enorme sem beneficio resultado para o Publico, porque vedes que são filhos de vossa terra esses que formão a desacreditada companhia que nelle trabalha, e como não estaes na vossa patria que vos importa a vós que o theatro seja bom ou máo com tanto que elle vos vá rendendo a impressão dos cartazes? A não ser a companhia vossa patricia, talvez que sabbisses immediatamente a campo, combatendo-a; porem é mister conservar as cousas no *statu quo*, alias podem soffrer vossos interesses? Pois bem, é preciso não desgostar a fuctura empresa, afim de que não mude de freguesia, e vos encarregue desse mesmo trabalho que forma talvez a base mais solida e essencial da vossa actual opinião a prol do Theatro.

Sempre é um lucro que vos hade fazer arranjo, e que de algum modo vos seria sensivel, se vos sabbisse pela porta fora para ir bater á porta extranha, e entrar na algebeira de outro.

Na verdade, não sabemos como um rabiscador como do *globo*, que se preza de muito sizo, tachando-nos de *mesquinhos, miseraveis, e insolentes*, não se vexa, não tanto de nos censurar, porque de algum modo ferimos os seus lucros, mas de nos insultar por meio de uma folha

que aspira aos foros de jornal de credito, quando assim se roja e humilha ante o publico que por certo lhe votará desprezo, vendo a maneira desusada e nova, anti-civil e asquerosa, por que nos investe a favor dos seus interesses. Nós que pizamos terreno proprio, que discutimos os negocios de um Theatro que nos pertence; que temos immediato interesse pela sua florescencia, e debellamos em sentido mais ou menos desabrido os vicios que o corrompem e impedem o seu progresso e aperfeiçoamento, pessoal ou material, afim de poder elle corresponder ao resultado que se espera, isto é, concorrer para a moralidade publica; nós que temos nisto, não o sordido interesse pessoal, o lucro da algebeira e do ventre, *somos falsos sacerdotes*; e adoramos um *falso idolo*.

O rabiscador do *globo*, adverso aos interesses desta terra que, não o vendo nascer, carrega com o onus de o nutrir; para quem é indifferente sua exaltação ou abatimento, quando estas alternativas lhe não ataquem os interesses; para o qual finalmente o Pinto e Ribeiro são actores e não fareistas; tem uma divindade realmente Santa, realmente veneranda, da qual elle é dedicado, virtuoso e desinteressado *preste*. Ora, Sr. do *globo*, ou globista, antes fazer do palco maranhense arena de circo, e ir dançar n'ella a *pandereta*, como faz o Ribeiro, do que emitir esta opinião que tanto o desabona e menoscaba. E' impossivel que não conhecaes os elementos de que se compoem essa companhia, cujos lucros defendeis, a origem de cada um d'elles, como nós o sabemos, para acreditarmos na vossa boa fé, nascida da vossa insciencia, joven globista, sem ambição que tudo deseje a bem da humanidade em geral e a vosso bem em especial; e que talvez sejaes um desses que fallão a lingua Portugueza em toda a sua pureza. Não asseveramos, porque vos não conhecemos; mas quem sabe se não teremos ainda de apreciar um dia em vós a correcta pronuncia de um Ribeiro e Pinto que nos vierão ensinar a fallar bem; que pronunciação *bôbere, amore, pudão, aialma, tale, binho, baca, nunxentes, baia, sumana, chu-to, tambur, &, &*. E' esta gente que o globista chama actor de *merito, e reputação*; são de instruidos desta estofa que pende a existencia do Theatro maranhense; é esta gente polida que nos vem ensinar a *lingua*, inferior a rude plebe (dos nossos escravos) no acento de sua lingoagem. Ora, esta so' com uma. . .

Não temos nem myrrha, nem arabico incenso para com elles perfumar a ara do nosso idolo, é verdade; mas tambem não empregamos esse *podre incenso* que nos lancaes em rosto. O nosso incenso não é viciado pela lizonja, e nem é o incenso de torpe ganancia; é a razão offerecendo oblatas ao merito e exaltando a intelligencia; é finalmente o nosso coração desejando os melhoramentos reaes das cousas da Patria. *Podre incenso* é esse que empregaes em gentilismo grosseiro. Amontoades siscosas substancias, e queimando-as no ardor dos vossos prejuizos ou no fogo dos vossos calculos, com ellas defumaes os *pagodes* de vossas divindades materiaes.

Quanto a dizerdes que o que procuramos é affastar do Theatro a gente da vossa grei, que nos importa a nós que vos estamos respondendo que ella vá ao Theatro ou não; que perdemos nós com isso? Pelo contrario desejamos que não vá ella para o Theatro escarnecer do nosso entusiasmo, como dizeis, ou antes da nossa loucura em soffrer a tão pacientemente, como se nos achassemos em 1820 e não em 1852; como se ainda nos alumiasse o mesmo sol d'Ouriqe e Aljubarrota, e já não resplandecesse para nós no horizonte da Patria o SOL do IPY-RANGA.

Até outra vez.

Desculpem os nossos leitores a extensão do art. supra, e declaramos que não era nossa intenção nos involver em questão de nacionalidade; mas somos a isso forçado pelos insultos que recebemos de uma gazeta estrangeira, que em vez de tomar por programma a frater-

miséria dos filhos do paiz com os seus patricios, procura toda vez que pode offender as nossas susceptibilidades, sofismando sobre nossos direitos.

Julgavamos que com este art. se terminaria uma questão que cremos melindrosa na quadra actual e de pouco proveito ao nosso gratuito adversario; porém assim não acontece, pois na gazeta globo continuamos a ser insultados, talvez por algum miseravel que já andou, como mendigo, implorando a caridade publica de porta em porta, e que hoje tendo trocado os andrajos que lhe cobrião a pelle por decente vestido, se esquece do seu triste passado para atacar aquelles que ainda se não revolveirão no lodaçal da indigência como elle, que provavelmente bandido pelo legitimo Governo do seu paiz como outros revolucionarios *miguelistas*, aqui veio encontrar abrigo e sincera hospitalidade; e o agradecimento que em geral dá aos Maranhenses, é insultar-os quotidianamente, já que não lhes pode roubar os seus direitos.

Ainda o envenenamento.

—Todos os jornaes desta cidade tem tratado com mais ou menos precisão do envenenamento do infeliz subdito Portuguez *Francisco José de Paiva*; alguém, ao que parece o tem feito mais por satisfazer paixões, que por amor da justiça e moralidade publica, quando pretende responsabilisar a um partido inteiro por esse fatal acontecimento, pelo simples facto de os indigitados nas denuncias pertencerem a uma das parcialidades politicas que divide a provincia. Nós porem, a quem o espirito de partido não cega, a ponto de commetter-mos tão revoltante injustiça, tratamos da questão pelo desejo que temos de ver punidos com todo o rigor da Lei os authores de tão impio attentado, sem que haja da parte das Authoridades a mais pequena consideração para com os verdadeiros culpados, sejam embora pessoas qualificadas, porque em vista da nossa Constituição—a Lei é igual para todos, quer proteja, quer castigue,

Em nosso modo de entender, o negocio tem corrido mal desde o seu começo, como já fizemos ver em o nosso 1.º nº, quer por parte do Snr. Delegado Supplente Francisco José Brandão de Sousa (parente dos indiciados) que presidio a exhumação, autopsia e analyse chimica, quer pelo Snr. Delegado effectivo Antonio Gomes Claro. O primeiro não devia dar cumprimento a ordem do Exm. Snr. Presidente da Provincia, para a exhumação do cadaver sem proceder as diligencias de justiça, recommendadas por nossa legislação; e o segundo não devia igualmente dar começo ao processo sem que mandasse por em custodia os indiciados. D'onde nasce pois tão grande falta? será devido a ignorancia de Direito? Não o cremos: por quanto permittindo a Lei aos Juizes leigos terem accessor, he de presumir que em negocio tão transcendente não deixassem de consultar a algum Advogado de sua confiança: pelo que he facil de concluir que as faltas cometidas por taes Juizes he devida unicamente a contemplação para com os indiciados; (que não duvidamos estejam innocentes) e he justamente o que constitue a maior immoralidade, que a todos tem revoltado, e que faz crer que a justiça na nossa terra, desgraçadamente, só tem acção contra os desvalidos.

A pesar da muita dedicação que consagramos ao Snr. Claro, e da fé que temos em sua imparcialidade, e honradez, he nossa convicção que não pode elle ser Juiz em tal processo, pelas relações de amizade que existem, entre elle, e os membros da familia dos indiciados, além de outras razões. O mesmo pensamos á respeito de todas as Authoridades Policiaes desta cidade, porque todas se achão embaraçadas de obrar com a necessaria energia a cerca do crime de que tratamos, em consideração ao Snr. Dr. Antonio de Barros e Vasconcellos, actual chefe de Policia da provincia, pela valiosa rasão de serem os indiciados seus parentes.

De que censuras se não tem feito merecedor o Snr. Vasconcellos, conservando-se na jurisdicção, ao passo que a um seu subordinado está confiado o julgamento de um crime grave, em que infelizmente, são indigitados culpados dous de seus irmãos e um sobrinho! Consulte o Snr. Vasconcellos a sua consciencia (se a tem pura) e diga-nos porque forma devemos encarar a sua maneira de proceder: o Snr. Vasconcellos que não tem sido bastante feliz em sua administração como Chefe de Policia da provincia, julgasse com tudo superior a qualquer consideração, não duvidando carregar com a responsabilidade moral de um acontecimento que tanto se tem generalizado, e que á esta ora tem corrido todo o tempo.

Grande he o amor ao poder que consagra o snr. Vasconcellos. O resultado de sua pertinácia corre por sua conta.

No *Publicador Maranhense* n. 1333 de 9 do corrente, vem um communicado que parece ser elaborado por algum intimo amigo dos indiciados, se não foi propriamente por alguns d'elles. Não negamos o direito de defesa, porem queremos que ella seja em termos comedidos, e não tão desaforadamente, insultando a aquelles que sem serem—*indignos e de vil procedimento* tem tratado d'essa questão tão grave. Fomos nós os primeiros (referindo-nos ao Progresso) que lembramos que os escriptores publicos devem ser na narração dos factos conscienciosos, e por isso, pela parte que nos toca, enviamos ao author do *communicado* a que nos referimos as *agradaveis e delicadas* expressões, que emprega contra todos os escriptores que alguma cousa tem dito a cerca desse attentado, que athé hoje graças a *actividade* da Policia, ignoramos quem é o verdadeiro author, o que em abono da verdade muito desejavamos conhecer, embora pertencesse á uma familia honesta e *respeitavel, em cujo seio, não ha um só capaz de commetter um crime*—

O que podemos affirmar, é que com quanto a *opinião publica seja representada por denuncias anonymas de algum inimigo covard e occulto*—, com tudo alguma cousa de verdadeiro se colheo dessas denuncias, e a mais saliente foi o envenenamento. Outro tanto não podemos diser em quanto aos individuos n'ellas indiciados, porque estamos inclinados a crer, que o *suicidio* foi a causa primordial desse envenenamento, ou outro o criminoso.

O tempo, e as *pesquisas* da Policia não deixarão de nos convencer deste nosso pensar, e estamos certos de que a moralidade publica será *plenamente* desagravada.

Por hoje terminamos nossas reflexões, promettendo em outro art. tratarmos do exame e analyse chimica; bem como do Facultativo que assistio ao falecido e do attestado que passou em que se declara a causa da morte.

Em resposta a correspondencia do Sr. Dr. Promotor Publico *Frederico José Corrêa* inserta no *Observador* n. 214, temos a diser-lhe que a noticia por nós dada em o nosso 1.º nº, não foi—sob alteradas informações—na parte em que dissemos ter S. S. censurado o Governo, porque lhe ouvimos diser estas palavras—*que antes de se a nuenciar as denuncias, e de se ter mandado proceder á exhumação do cadaver do infeliz Paiva, que se dererá ter prendido os indigitados delias*,—o que também S. S. pessoalmente nos disse, e repetio em uma noite, perante algumas pessoas, na porta da botica da rua do sol. Logo depois S. Exc. quem recebeu as denuncias e quem mandou proceder á exhumação, tiramos d'ahi a illação de que a elle se dirigião as censuras de S. S. Sem o respeito que tem S. S. á S. Exc., ou o temor de perder os \$00\$000 reis da Promotoria que o obriga a soffrer bala, sobre a opinião que tinha, e com a qual concordamos?

Por inconvenientes, não pôde sair este Jornal, no dia designado no seu prospecto.

UNIVERSAL

IMPARCIALIDADE, JUSTIÇA, E TOLERANCIA.

O UNIVERSAL.—PUBLICA-SE NO 1.º E 15 DE CADA MEZ, E ASSIGNA-SE NA TYPOGRAPHIA DO OBSERVADOR A 1\$000 RS. POR TRIMESTRE. —FOLHA AVULSA 120 REIS

O UNIVERSAL.

A's 10 1/2 horas da manhã do dia 20 do passado suspendeo ancora deste porto a Fragata a Vapor *Saranac*, pertencente à Marinha de Guerra dos Estados-Unidos, levando a seu bordo o Exm. Sr. Conselheiro Luiz Pereira Sodré, nosso ex-Ministro n'aquelles Estados, e sua família até à Corte do Imperio; graça esta que pela vez primeira faz o governo da União, Anglo-Americana, a um Diplomata Brasileiro, e quicá a qualquer um de uma outra Nação. Tanto bastava para fazer a devida apologia do meretissimo Cavalheiro Sodré; porem releva acrescentar, para maior demonstração do merito real deste distincto Brasileiro, que sua partida com verdadeira saudade dos Maranhenses foi realisada e sentida, o que assaz prova o numero concurso de pessoas gradas que até a bordo da dita Fragata, o levarão em despedida, e demonstração do quanto elle merece, e do quanto o aquilatao.

Sabemos de parte não suspeita, e mesmo da propria boca de favorecidos, que S. Exc. á sua urbanidade, polidez, e cavalherismo, reunio o generoso e beneficente para com aquelles que o supplicavão! . . .

Depois de S. Ex. despedir-se e agradecer ao seu Illustre Hospede, o Exm. Sr. Brigadeiro Manoel Telles da Silva Lobo, a rica e magnifica hospedagem que lhe deu, que igual, confessou, nunca teve, bem saudoso e penhorado se mostrou de ausentar-se dos dignos Maranhenses, e de todos aquelles que tio distinctamente o obsequiarão.

Fazendo nós votos para que os ventos e os mares se-jão propicios a levar tão distincto Cavalheiro ao porto de seu destino, nós não podemos eximir á tarefa de aqui prodigar á distincta Officialidade da Fragata *Saranac* os encomios de que ella é digna, pela sua polida educação e mais merecimentos.

Se pois temos assim cumprido tres deveres, na narração acima, de parcial e de injusto seríamos taxados, se aqui tambem não fizessemos especial menção de outros obsequios feitos ao merecimento do cavalheiro Sodré, e ao da briosa Officialidade da Fragata *Saranac*. Esta sempre distinguida foi nos convites e apreciação pelo Illustre Hospede de S. Exc.; e mais outros convites especiaes teve; como por exemplo, da Directoria do Theatro S. Luiz para assistir a um de seus espectaculos; da Commissão Directora da Sociedade *Terpsicore* para o Baile que deu por proposta do Illm. Sr. Dr. José da Silva Maia á mesma Officialidade e ao Cavalheiro Sodré; e ainda mais pelo convite a um ou outro *Solares*, que lhes foi dado.

Se assim com verdade temos escripto, mais injustos nos chamariam se um periodo especial de nosso artigo, não fosse consagrado a manifestar os serviços e obsequios prestados pelo Consul, nesta Provincia, ao S. M. Fidelissimo, o Illm. Sr. João da Rocha Santos, ao Exm. Sodré, e á

Fragata *Saranac*. Notaremos, que os escaleres e lanchas dos Navios do Sr. Rocha Santos, ou dos de sua consignação, forão os primeiros que se apresentarão a prestar soccorros á dita Fragata, quando encalhou nos baixos de S. Marcos; e esses mesmos escaleres e lanchas, de uma e outra vez governados pelos Capitães dos mesmos navios, forão os que conduzirão o trem, e amigos de S. Exc., e da Officialidade (porque esta pela sua nobresa de caracter tambem aqui os deixou) em suas despedidas: alem destes obsequios outros forão feitos pelo digno Consul (Cidadão Brasileiro adoptivo) ás pessoas acima.

Ainda o envenenamento.

Promettemos em o nosso n. anterior voltar á questão do envenenamento do infeliz Paiva, e alguma cousa dizer acerca do exame e analyse chimica, e do facultativo que assistio ao falecido, e do attestado que ministrou. Vamos cumprir a nossa promessa.

O exame e analyse chimica feito por tres medicos conceituados, e tres boticarios dos que existem nesta cidade, deu em resultado o conhecimento de haver falecido o infeliz Paiva pela propinação de uma substancia assaz enérgica—o Arsenico. Verdade é, que a alguém ouvimos dizer, que se não observarão á risca todas as regras da sciencia na analyse chimica, por não se terem estendido as experiencias as mais entranhas; todavia, a verdade real é, que aquelle infeliz succumbio aos terriveis efeitos de tão enérgica substancia.

Ao passo que os seis peritos declaravão a verdadeira causa da morte da infeliz victima, apparece o bem conhecido *Dr. Lobo* protestando em um jornal contra a asseveração do envenenamento, com o assistente que havia sido do infeliz Paiva; e dizem que prestara um attestado de seu punho, em que declara a molestia de que succumbio.

Esta notavel divergencia de opiniões, é digna sem duvida, da mais seria observação! Como concluir de que lado está a razão? A quem devemos acreditar, á vista de duas opiniões inteiramente oppostas? Por um lado os peritos que fizeram a abertura do cadaver, e procederão á observação das suas partes componentes; extrahirão as entranhas, e as submeterão segun lo os preceitos da sciencia á uma analyse, nos declararão que a victima succumbio pela propinação d'aquella substancia venenosa. Por outro lado um facultativo, declara que assistio ao infeliz, e afirma debaixo do juramento de *seu grão*, qual a molestia que terminou os dias do infeliz Paiva. Qual será nestas circumstancias a melior posição a tirar? Necessariamente todos se inclinarão a aceitar como verda leira, a asseveração dos peritos, por que virão e analisarão. Nós porem que em *muito e correto* temos o *Dr. Lobo*, este novo Esculapio, sem os de opinião contraria. E como é possível que um medico como o *Dr. Lobo*, tratando de um in-

1 8 5 2

DEZEMBRO = NS. 3 - 4

dividuo até a hora de seu fallecimento, não conhecesse que havia sido envenenado? Pensar o contrario seria duvidar da *capacidade* medica do Dr. Lobão; ou então julgar-o connivente no envenenamento, porque em qualquer paiz onde a saude publica merece do Governo toda a attenção, o nosso Dr. seria julgado cumplice de crime tão grave. Temos inteira fé de que o nosso Dr. está izento de tão acre censura, pelos bons precedentes que muito abonão sua *capacidade* medica, já nesta Provincia, onde são bem sabidas as suas *milagrosas* curas, como v. g. as operadas no João Bunda; já na Provincia do Piahy, conforme o conceito de seu collega, o Sr. Quiterio. Entretanto a melhor juizo sujeitamos a decisão deste negocio, por sermos incompetentes na materia. Pedimos todavia ao Juiz formador da culpa que tome na devida consideração estas circumstancias, que em nosso humilde pensar muito devem concorrer para o descobrimento da verdade; e pena é que o *Illustrado* Sr. Chefe de Policia, não possa pelo grão de parentesco com os indiciados, assistir ao Sr. Claro com seus *judiciosos conselhos*; pois se não fosse isto provavelmente já teria avocado esse processo de averiguação, no qual consta que apesar de se haverem inquerido mais de 30 pessoas, nada se tem sabido, porque *estamos convencidos* que o nosso Chefe de Policia não se occupa unicamente de propostas para substituição de Subdelegados, e transferencias de Supplentes, quando os que se achão na jurisdição estão tomando conhecimento de algum crime, embora digão ter isso acontecido com o ex-Subdelegado da Conceição, o Sr. Jorge Sobrinho, mandando o Sr. Fernando reassumir o exercicio, o qual apesar desse amor ao serviço publico, foi já recompensado, isto é, demittido. Creia S. S. que tinhamos o maior desejo de vel-o brilhar como magistrado neste processo, assim como *brilhou* na qualidade de Representante da Nação.

PARA S. EXC. RV.^{ma} VER.

Assistimos á procissão do *Senhor Bom Jesus Redemptor das Almas*, que em verdade foi expleendida e assaz concorrida: depois de a acompanharmos em seu trajecto, tivemos de assistir ao sermão do estylo; julgando, nós, que um erudito e eloquente orador, para maior esplendor da sanctidade do acto, fosse o encarregado d'esse mister.

O povo apinhado no largo da Igreja do Rosario se acotovellava; appareceu o pregador: era o padre José Maria Martins d'Oliveira, vulgo *cajú-azêdo*: o povo em alarma levanta a grita; uns se dispersam, e outros, entre elles nós, mais complascentes, ficam para ouvir a palavra de Deus, ainda que pela bocca d'um impuro sacerdote. As maiores grosserias, ineptias, e até escandalos são vociferados; troncados e mutilados são os textos; e para mór affronta do lugar que se occupava, admans e gesticulações são vistas que o povo escandalisa e perturba.

Fazer um commentario ou analyse d'esse aranzel, á que se quiz dar o nome de pratica ou sermão, era con-torror com esse estúpido sacerdote para augmento da immoralidade publica. Basta dizer que elle para o pulpi-to subio já munido de—um pão e de uma garrafa de vin-ho!—Ai! Deos! D'ahi tractando o predicante da impu-reza corporea, disse, em vez de outras palavras, as seguintes: «*Os maridos devem allibiar as esposas, os amigos e amigas allibiar uns e outros*»—Que es-candalo, meus Deos!

Só S. Exc. RV.^{ma} por suas virtudes e seu poder nos pode livrar d'elle.

Um texto produziu elle assim—*Christus cum bo-vis*!!

E á tanto estará o publico obrigado?! Será o publico, que quer instruir-se, coagido á ouvir tantas

ineptias e escandalos, só porque um *sacerdote*, sem me-recimentos, e sem caracter, se sujeita a apresentar-se em publico pela mesquinha somma de 68400 reis?! Ah! que de vergonha e horror nos cáe da mão a penna! porem de mister é rogar, á bem da religião, ao Ex.^{ma} e Rev.^{ma} Sr. Bispe Deocesano, que quanto antes casse a este padre a provisão ou licença de prega-dor, e que, quando a não tenha, já mais l'ha conceda.

Para conhecimento de S. Exc. RV.^{ma} lhe diremos que um de seus dignos Antecessores, o Sr. D. Marcos, nunca concedeu ao padre José Maria, nem ao menos, auctorisação para celebrar missa cantada, dizendo-lhe, todas as vezes, que tal requeria, por despacho.—«*Fa-ça exame de cantochão*»—!!

Cançar-nos mais, para que? Ah! fica sob o domi-nio e inspecção de S. Exc. RV.^{ma} o averiguar a ver-dade do expellido, e providenciar como for de justiça; á bem do clero, e especialmente da religião.

Tributo á verdade.

Quando um individuo qualquer, baixa a parciali-dades, corrompendo a sua consciencia, e apaixonan-do-se demasiadamente deste ou d'aquelle objecto, ja-mais poderá fallar com razão e tributar justiça a quem a merece, e nem adquerir os foros de escriptor probo e imparcial.

Assim pois, não nos admirou a maneira pouco digna, porque foi descripto o merito artistico do Sr. Antonio José Duarte Coimbra, em uma correspondencia d'qui remetida, e estampada no Diario de Pernambuco n. 256 de 12 do mez passado, porque debaixo dessas ins-pirações foi ella escripta, e desta forma illudindo ao publico, e abuzando da boa fé dos Illustres Redactores d'aquelle jornal. O Sr. Duarte Coimbra que desde que aqui chegou tem como particular, quasi que geralmen-te adquirido a estima de todos, que desde o seu debut tem sido constantemente applaudido no nosso Theatro, não se deve magoar com esse *elogio*, porque os Ma-ranhenses o sabem melhor apreciar, do que o celebre *correspondente* conhecido em mais de uma provincia pelo *homem mais proprio e imparcial para descrever os seus desafetos*, e por isso é que affirma ter sido aqui pateado o Sr. Germano!!!

Aconcelhamos ao *distincto* correspondente que se dedique a outra cousa.

Geralmente n'um povo civilisado, ou n'um gover-no qualquer, desejão todos dar boa ideia de si aos olhos do estrangeiro, hospede, ou amigo. Entre nós porem infel-zamente observa-se o contrario; e parece que ha quem para isso faça um estudo particular.

E' bem publica a maneira, porque foi tratado a bordo da Fragata Americana (a vapor) Saranac, o nos-so patricio o Exm. Sr. Luiz Pereira Sodré. A Directoria do nosso Theatro, aconselhada por uma terceira pessoa, segundo nos consta, convidou toda a Officialidade da men-cionada Fragata, para assistir o espectáculo de 14 do pas-sado, pondo para isso á disposição d'ella o seu camarote, em signal de consideração. Este procedimento muito nos satisfez, e estimariamos que tendo de tratar d'elle, não nos vissemos obrigados a notar faltas, algumas d'ellas bem gra-ves, principiando por dizer-mos que—o Ramo de Carva-lho—drama representado nessa noite, estava pessimamen-te ensaiado; e segundo a opinião do—*Progresso*—os co-micos não sabião os seus papeis; nesta parte porem não concordamos com o collega, porque a este respeito devia exceptuar os Srs. Duarte Coimbra, Julio e Martins.

Logo no 1.º acto estando os comicos em scena, ou-vio-se um grande estampido, proveniente talvez de brin-quedos de algum Sr. Musico, pois outro não podia ser quem atirou com uma estante ao chão. Entrando o 2.º acto,

um grande alvoroço, corridas, e desmaios, observou-se nos expectadores de platéa e camarotes, proveniente de uma voz que se ouviu gritar—fogo—restabelecendo-se a ordem depois de um bom quarto de hora, e sabendo-se a final que a causa de tudo tinha sido uma diminuta porção de gaz que se havia incendiado em uma das va-randas das torrinhas. No 3.º acto, não farião 5 minu-tos que os comicos estavam em scena, quando vimos descer o panno de bocca, ao signal de apito: por certo que, nós, como outros, nos persuadimos logo que alguma grande desgraça havia acontecido dentro do scenario; e quando assim pensavamos, eis que vimos apparecer em um dos camarotes o Sr. Dr. Tavares, membro da Directoria, ba-tendo palma (signal de attenção) e declarar o seguinte:—que o acto não estava acabado, mas que tinha descido o panno por ter soffrido um ataque repentino o ponto (que é o Sr. *francisco guedes d'araujo guimardes* official dos Feitos do Thesouro Provincial, de cujos interesses pou-co cura por causa do Theatro, entendendo que deve por motivo da mamadeira de—ponto—andar constantemente com parte de doente no Thesouro; e a final dirá qua a sua preciosa saude foi prejudicada no serviço publico) mas que ia-se dar immediatas providencias para se suprir a falta—» Ainda bem o honrado Sr. Dr. Tavares não tinha acabado o seu discurso, já alguns expectadores, estavam certos de que era menos exacto o que o orador dizia, porque virão o ponto de perfeita saude, recolhendo-se da rua para o Theatro de palito a bocca, e com a bochecha cheia de um grande pagode, em que tinha estado, na loja do Sr. Luiz Villarinho, tornando-se ainda mais censurada ou antes revoltante a sua falta, porque chegando ao lugar da sua re-partição, inclinou a cabeça para a platéa, e com ar de mo-fa poz-se a rir, comprometendo ainda mais desta forma ao Sr. Dr. Tavares que acabava de o desculpar.

Quem não conhecer o Sr. Dr. Tavares, e ignorar a causa porque elle veio asseverar ao publico uma falsidade, por certo que fará de S. S. muito máo conceito. Nós po-rem que temos o nosso juizo bem formado acerca da pro-bidade desse honrado cidadão, que o conhecemos de bem perto, que temos inteireza do seu character; com quanto tambem presenciassemos não ser exacto o que havia dito ao publico, o desculpamos quanto nos foi possivel, porque estavam certos de que por alguem teria sido illudido. Com effeito, findo o acto, ouvimos dizer que o ponto con-tra o seu dever havia sabido do Theatro, sem prevenir o contra regra; (que o julgava no seu *ponto*) que o Sr. Dr. Tavares de tudo ignorava, e que estando no seu camarote na occasião de cahir o panno, foi ahi immediatamente mal informado pelo Sr. Dr. Antonio Rego, presidente perpetuo da Directoria que de tudo já sabia, e por esta forma e na melhor boa fé foi o Sr. Dr. Tavares pilhado em mani-festa contradição: isto ouvimos dizer, e estamos conveni-dos de que se a verdade se houvesse dito á S. S., elle não asseveraria o que asseverou, não quereria acarretar em pu-blico com semelhante responsabilidade. Se o Sr. Dr. Ta-vares não se importasse de fazer na Directoria o que é do dever do presidente d'ella, isto é, de nunca se dirigir aos expectadores, quando é mister, talvez não passasse por esse e outros desgostos.

Em verdade, ignoramos a causa porque o Sr. Dr. Rego tanto se teme de fallar no Theatro aos expectado-res—, será por não merecer as sympathias d'elles, ou por temer alguma justa pateada, pelo modo pouco civil com que o trata? Será por julgar o Theatro propriedade sua? Será para não fallar com a sucia de *bodes* que não tem dinheiro para hirem a duas recitas seguidas? Ou será ti-nalmente porque a policia tem rasgado os *decretos* de S. S. em os quaes ordena ao porteiro que prive o ingresso na platea deste ou d'aquelle individuo, não obstante a apre-sentação do legal bilhete, só porque elles não se sujeitão a certos pedidos, pateando quando merecem os farsistas Pin-to Ribeiro aos quaes S. S. é mui devotado? Creia S. S.; que não obstante nos offender quotidianamente com esep-

thetos mais affrontosos; (dos quaes caso algum fizemos por ser em nossa ausencia, por falta da necessaria energia pa-ra os dizer de face a face) que somos justos, tendo uma ou-tra linha de conducta para com S. S., não negando, ou adulterando, de publico ou particularmente, os seus co-nhecimentos, probidade, e honradez, respeitando o seu modo de vida quer como homem publico, quer como che-fe de familia. Quando porem tratarmos de S. S. como homem da Directoria do Theatro, seremos inexoraveis (embora S. S. se julgue como tal *inviolavel e sagrado*) porque não tememos as ameaças de S. S. de qualquer forma que ellas sejam, e sempre diremos que S. S. no exercicio desse cargo é um outro homem, tudo julga apaixonadamente, porque não conhece outra razão que não seja a vontade, o ditame, e os interesses do Pinto e Ribeiro, ainda que seja S. S. por estes farsistas constan-temente illudido. E a não ser assim, teria S. S. a lem-brança de querer mandar vir um irmão do Ribeiro, *Alei-ro*, para Feitor do Theatro, e despedir o Sr. Janua-rio, que com quanto tambem Portuguez já não mere-ce as *graças* de S. S. por já residir ha annos nesta boa terra? A não estar S. S. tão apaixonado pelos interesses do Pinto e Ribeiro, não teria mandado para a prisão o ponto guedes, depois da falta commetida e já citada, apesar d'elle se justificar lançando o odioso sobre os Srs. membros da Directoria, só porque elle falla a favor des-ses salubancos? Por certo que em sentido contrario, outro seria o procedimento de S. S. acerca dos negocios do Theatro, que cada vez mais se peiorão por causa do pensar errado de S. S. que quer por força do impossivel tornar uma realidade, o que nunca se effectuára.

Esperamos pois que S. S. não nos provoque conti-nuadamente, para não ter de se arrepender amargamente, assim como deve estar dos elogios que deo ao Sr. Mirè, que consta ter deixado a amizade de S. S., ignorando nós os motivos de tanta *ingratidão*! . . .

TALIONATO.

Em resposta as quinquilharias do globo.

O telegrapho de S. Marcos acaba de annunciar o seguinte.

Mr. *Chirote de Sebô* com os seus grandes olhos verdes, largará em Lisboa, em um sitio perto do caes do Sudré, um disforme balão involvido n'uma quin-sena, e cuja cupula terminará em forma de caricatu-ra humana. Um bando de sevandijas de toda a es-pecie, e de harpyas torpes e nojentas, formarão o cor-tejo de sua ascensão. No utero irá um *frade* immo-ral, transformado em jumento, que trocou a santidade do claustro pela libertinagem e devassidão do seculo, a cruz, e o rosario pelo espingarda da revolução. Vai em busca de outros campos mais ferteis e de outras varseas, onde encontre melhor pastagem, conduzindo em sua companhia o cão-miró de que falla Eugenio Sue na sua Obra—os Misterios de Paris, para o defen-der das *cornadas* dos *bodes* e *ladrões* que tem de en-contrar na terra de seu exilio.

Para mantimento em viagem levará um *pinto* be-bado, pegado a laço a mariscar ás bordas de immun-do Ribeiro. Por um d'esses azazos com que muitas vezes não conta o homem, o tempo não será o mais apto por certas influencias atmosfericas; porem não pode haver transferencia neste espectáculo que terá lu-gar em um dia *pessimo, aborrecido, e insuportavel*. Está assontado o dia d' *Assumpção*.

O balão ao chegar a certa altura virtual com opo-nto de partida soffrerá uma repentina metamorphose, estourando terrivelmente, e despejando do *bucko* um chu-vaceiro *escrementicio* que caia sobre, e pelas ventas de uma sucia de farristas que divertirá no mesmo sitio cer-ta pandilha de *admiradores* que tambem participa-

rão do lavatorio entre galhofas e selvagens applausos, dados a um d'entre os farcistas que nessa occasião dançará o *rumba* em passo *chi-vez*, acompanhado de *pandeiro*. O *frade* de que fallamos, ao operar-se esta transformação, não descerá mais a terra; como *renegado e apostata* será convertido em cavallo de satanaz e se empregará em correr o espaço, em aerias excursões.

DIVERSOS FACTOS E NOTICIAS.

—Ignora-se o motivo por que no Anniversario Natalicio de S. M. o IMPERADOR, não appareceu a sua Augusta EFFIGE por occasião de se cantar o Hymno Nacional, como sempre foi costume no nosso Theatro.

Adverte-se ao Sr. Dr. Antonio Rego, presidente da directoria theatral, que isto é uma falta irremediavel. Quem sabe se S. S. é republicano?

—O Sr. Duarte Coimbra, fazendo o papel do Duque, no drama —*Lazaro Pastor*—brilhou primorosamente, e foi geralmente applaudido.

—O *Aleixo* do nosso Theatro fez o seu segundo beneficio no dia 25 do passado, representando —o *Remedio*—reduzido a farça, sendo por isso pateado e assobiado horivelmente. A gente do paio e do presunto muito se desgostou. Coitados!...

Por certa influencia homeopathica, em Janeiro fará outro beneficio, e levará a NORMA em canto-Chão. Viva o *Aleixo* e seu *barrigudo* protector.

COMMUNICADO.

VERDADES DITAS POR SATANAZ QUE MENTIR NÃO SABE.

Do silence,
De la prudence,
Venez venez
Ecutez.

(CEREBRE).

Ver, ouvir, e calar.

Tambem não escaparão as columnas do seu Jornal, de serem occupadas por escriptos meus, porque nada escapa à minha influencia *satanica*; diga embora o que quizer o *Globo*, que mais que ninguém é por mim pisado e esmagado e isto não é *Historia de meninos para quem não é criança*; pois que, debaixo de que maior influencia estará um *frade* ou *leigo*, relapso, que esquecido dos votos que fizera, foge e abandona, o seu convento? Essa alma damnada, que assim despreza a *Jesus Christo*, a quem mais pertence que a *Satanaz*? Que importa sua cor politica? por acaso o *frade* ou *leigo* o pode ter? E que cor politica? A do mais sabido despotismo, a do *toureiro Miguel* e ainda nos falla esse reprobado e sacrilego em farpiar touros; ora vá... vá levantar as quedas e dorminhocas *quinas*, que lá, em campo descoberto do nosso ourique, lhe fiserão sonhar alguma molgueira pelo cuidado que lhe trouxerão.

Occuppemo-nos Sr. Redactor do grande Baile dado nos Salões da *Terpsicore*, em o dia 18 do corrente, em obsequio ao digno Conselheiro Sodré e à brilhante Officilidade da *Fragata Americana Saranac*: Em verdade que esteve esplendido, e foi um dos mais concorridos e mais bem organizados que aqui, em terra nossa, se tem dado, nada faltando para o abrilhantar; e por mor realce ainda ali comparecerão duas lindas, delicadas e bem fagueiras meninas, que em toda a parte em que são presentes captivão os corações; porem mau grado á instabilidade das couzas humanas, tambem entre essas e outras mui lindas *Toillettes* uma se deixou admirar, que a todos arrebatava e magnetisava: —trajava vestido de gaze cor de palha sobre outro setim cor de perola, e circulava seu bem torneado e alvissimo collo e seio duas ordens de finissima e larga renda de blond, de cor tão candi-la como

a da grinalda que a toucava; e para maior remate de sua belleza phisica, dois pardos e cimiillantes olhos refulgião em seu rosto encantador e sobre—humano—os do Anjo S. Gabriel, quando fez a Annunciação á Sm. Virgem os não tinha mais brilhantes. SATANAZ apenas os pode admirar, e como que fascinado outra honra não almejou, nem ao menos, se quer, de ter tal Dea por seu par, ou vis—a vis nas inmensas quadrilhas que ali se executarão.

A outro acto assaz tocante, e dignamente religioso assistio *Satanaz* em a noite de 20 do corrente em uma salla ricamente adornada, na qual sumptuoso Altar se achava erigido, e illuminado por grande n. de bugias e brandões, e em que grande e escolhido era o concurso, um cavalleiro trajando vestes nupcias segue ao respeitavel Sacerdote que ao Altar o havia precedido, e apoz aquelle um anjo —o que mais é uma virgem?!—finissimo vestido de blond ou seda, todo matisado de grinaldas, de filô de seda—o véo, de plumas e de delicados ramos o toucado, e tudo de nivea cor, cor da pureza, a adornavão—estava pura e bella; era uma casta virgem do Sr. que ante os seus Altares ligando-se por um dos mais Augustos Sacramentos da Igreja, volvia ao Creador seus olhos de pureza, enviando-lhe do imo da alma uma oração... e que tão celeste não seria a oração da virgem!... Ella pronuncia o definitivo—sim—: seus olhos lampejão, e uma lagrima, qual fina e transparente perola, se lhe desliza pela rosea face, e se occulta no pudico seio da ainda Vestal. Deos fade bem aos noivos, em quanto aqui lhes dou os prolefaços.

Em o dia 23, tambem do corrente, assistio SATANAZ a uma Procissão de Penitencia, do—Senhor Redemptor das Almas,—sahida da Igreja do Rozario, a qual teve um acompanhamento numeroso; porem a imitou-se SATANAZ, que as Igrejas da Cidade não dobrassem, quando costume é dobrarem e muito—por dinheiro—quando morre qualquer opulento. Mais admirado ficou SATANAZ, ao entrar da Procissão, do Sermão e do Pregador!! SATANAZ resumio o que ouvio, em dizer—que para o Clero e para a Religião não pode haver maior descredito!!

Ja que tratei Sr. Redactor, de Sermão, vamos ás Missões. E' impossivel o fructo que o Christianismo d'ellastira; e concorrendo os fieis para ouvirem as palavras da verdade, que de sobre o pulpito vem, para com ellas instruir-se e contristarem-se—ficão em jejum porque tal é a algaravia de um, principalmente, dos Missionarios, que nada se entende; e de mais, que quer dizer, por conclusão de uma predica—deita na rede toca viola!! Não é assim que se instrue o povo, e nem que se dilata a Religião Santa de JESUS CHRISTO.

Finalisarei, Sr. Redactor, dizendo-lhe, que no dia 25 assisti ao Beneficio do—Ribeiro—no Theatro S. Luiz—A Peça foi o—Remedio de Smyrna—que, com quanto muito graciosa, cheia tambem de mui grosseiras inverosimilhanças: para que o—Remedio Sr. Ribeiro—podesse acreditar em sua tão repentina, espantosa e sobre-natural methamorphose em Sultão, preciso era que estivesse dominado pela loucura, do contrario nega-se, excepto porem se SATANAZ se tivesse introduzido em seu corpo e espirito—assim, sim. O Sr. Jul'o em verdade que foi um—Anão assaz disforme; nunca a algum assim se ha visto tão—alto, e tão—largo—ou como se diz—com tanto de lãs como de quinda; e até parecia ter mais de la gara que de altura! Era o Sr. Julio 26—zô um monstro disforme!! Taes inverosimilhanças peço por assaz ridiculas.

O que SATANAZ tambem não pôde soffrer, foi, foi, que o—Beneficiado impingisse nos cartazes, como 1.ª representação a da Farça—O Quarto com duas camas—, quando ella já aqui foi representada!! E' muito abusar,—meus Srs,—da bondade de um publico tão hospitaleiro e generoso! E não querem levar pateadas? A respeito da Aria, cantada pelo—Beneficiado,—foi mal pois estava no seu genero—moxia tanto com os pés como com a cabeça—foi geralmente bem recebida.

De tudo porem que se achava neste espectáculo, o de que mais gostou SATANAZ foi do esplendor das bellas, entre ellas distinguindo-se a que trajava vestido roxo matisado de flores brancas—que em verdade estava encantadora.

Antes que me esqueça, direi Sr. Redactor, que os taes—rebu, cadões de estallo—que nessa noite perturbavão o espectáculo, não são mui proprios do Theatro, excepto nos intervallos; e tambem nenhuma novidade trazem á Provincia, pois já aqui são conhecidos.

Hontem ao dar de meio dia houve toque de fogo, que se extinguia com a queima de 6 cazebres, lá para as partes de S. Thiago, sem que apparecesse a Bomba do Arsenal; está mui longe do centro da Cidade.

Ja sabe que no dia 30 andará a roda da Loteria do Convento de Santo António—Permitta Deos qua a porcentagem que della tira o mesmo Convento sirva para, pelo menos, erguer seos cabidos muros.

Breve voltará, se assim o quizer o Sr. Redactor, o Maranhão, 27 de Novembro de 1852.

SATANAZ.

Maranhão —Typ do OBSERVADOR de F. M. de Almeida
Impresso por R. F. Correa —Rua da Palma—1852.

UNIVERSAL.

IMPARCIALIDADE, JUSTIÇA, E TOLERANCIA.

O UNIVERSAL—PUBLICA-SE DUAS VEZES POR MEZ, E ASSIGNA-SE NA TYPOGRAPHIA DO OBSERVADOR A 18000 RS. POR TRIMESTRE. —FOLHA AVULSA 120 REIS

O UNIVERSAL.

Um dos nossos generos de primeira necessidade—a farinha de mandioca—acha-se no mercado por elevado preço, pois que ultimamente se tem vendido por oito e nove patacas o alqueire.

A exportação d'ella para o interior e fora da provincia, alem do monopolio de alguns *tráfegantes*, a tem feito chegar a este preço; quando ainda a tres mezes vendia-se o alqueire por 900 rs.

A Camara Municipal da capital solicita em promover a abundancia deste genero, acaba de representar ao Governador da Provincia os meios que deve empregar para evitar o monopolio, e cessar a exportação (por em quanto).

Tambem nos consta que o Snr. Delegado de Policia Antonio Gomes Claro, lembrou ao Sr. Chefe de Policia algumas medidas para as levar ao conhecimento do Governo.

Esperamos que S. Exc. não deixará de auxiliar a Camara Municipal, nem só approvando o que Ella resolveo, como dando para isso outras precisas providencias.

LASTIMA.

E sem duvida para lamentar-se o desabrido estado dos infelizes *morpheticos*, lançados ao idiondo Ergastolo denominado Hospital dos Lazaros. Ali aquelles infelizes soffrem toda a sorte de padecimentos, e ainda as mais cruas necessidades, pois que a falta de diario alimento os obriga a exigir de porta em porta, por acto de caridade um bocado que os alimente! Coitados! at: nem mesmo agoa para beberem se lhes dá para mitigar um a sede; e a inhumanidade com que se lhes apresenta, um balde e corda, para a tirarem do poço torna-se digno de rigorosa censura; pois que ninguém ignora o estado miserando e chagado em que conservão as mãos e algumas já sem dedos!

Agora o que resta é fazer-mos sentir ao Exm. Sr. Presidente da Provincia (que talvez ignore quanto se leva dito) afim de que se condão e preste-lhes o auxilio que julgar conducente a razão, para que gozem com elle, aquelles desditosos, o alivio de que se tornão credores. A Santa casa da Misericordia, que se revestindo de compaixão propria da sua instituição, lhes preste um meio de soccorro que os obrigue e isente de tão acerbos males, para que desta arte possa a Policia velar na prohibição de que tranzitem pelas ruas desta cidade aquelles entes, que se devem de necessidade afastar da geral communicação, pelo máo resultado que d'ahi provem, e muito convem

vedar. Esperamos ver melhorada a triste sorte desses enfermos, por certo, dignos da verdadeira compaixão dos espiritos humanos e bem-fasejos.

O DR. NOVAES.

Chamamos a attenção da Junta de hygiene publica para um tal *Dr. Novaes*, que anda por esta cidade curando homoeopathicamente.

Este novo *Dr.* já foi a tempos chamado pela Policia; e perante o Snr. Antonio Gomes Claro, consta se obrigou a não continuar no exercicio da profissão em que foi arvorado.

Lembramos a nobre Junta de hygiene que a Lei que regula no Imperio o exercicio da Medecina e seu respectivo regulamento, estabelece penas para punir os charlatães e curandeiros. Creia que este sistema de contemplação he prejudicial a saude publica, (que muito cumpre ter em vista) e aos interesses da Provincia por falta de imposições das multas estabelecidas na dita Lei.

Já não estamos nos tempos primitivos, que qualquer especulador se julgava com direito de exercer livremente a difficil sciencia de curar. Se o novo *Dr.* se não deo bem com o negocio de vender fazendas, lance mão de outro meio de vida permitido por nossa legislação.

Esperamos que o nosso pedido seja attendido pela nobre Junta, para pouparamos o trabalho de voltarmos a questão com mais precisão.

De dia em dia o Snr. Presidente da directoria theatral adquire mais força moral.

Todas as vezes que um individuo qualquer tem um cargo publico, e não o desempenha com imparcialidade e sem paixão, fica sujeito ás censuras deste ou d'quelle que o queira analisar; por isso vamos succintamente provar (segundo nos relatirão) que o Snr. Dr. Antonio Rego, não pode e nem deve continuar a ser presidente ou antes membro da directoria do nosso theatro; nem só porque elle não tem as necessarias habilitações para esse mister; como porque alem da cegueira que o leva para com alguns individuos dessa companhia, acabou de perder toda a força moral, por ter sido publicamente pibado em uma verdade.

Tendo um dos menestres da nossa orchestra (um dos felizes) de fazer o seu segundo beneficio, resolveo levar á scena—o *Perigrino branco*, ou os *orphosinhos d'aldea*—e que os papeis destes dois meninos fossem metamorfosados, isto é, desempenhados por mulheres.

Para que a Sra. Miró (*prima dona*) accitasse a metamorfose tanto o beneficiado, como o *Governador* do theatro empregarão para isso o que se chama rogativo.

O irmão do Aleixo que ha dias chegou da *terra dos paíes* no Patacho Boa Fé em busca da fatoria do theatro, dizem, (o *mano* que é um *excellente* farcista pois que já fez ali suas partesinhas.

Ora, elle saberá ler ?!

A Camara da Aldeia dos Galegos, representou contra o Snr. Drumond; dizem que pela *inexactidão* de sua participação; porquanto, devia ter acrescentado que alem dos *paíes e presentes* serem compostos de carne de GATO e outros animaes como CAXORRO &, &, que era depois d'ella (carne) achar-se em estado de PUTREFACÇÃO, porque a perfeita era para consumo dos seus municipes.

Já hoje se sabe, que a importação de semelhante genero, foi a causa de apparecer no Brasil a *febre amarela*. Aconselha-se aos habitantes deste vasto imperio, o abandono de tão nociva comida.

O Fr. redactor do *globo*, promette uma brilhante defesa aos *uteis e honradissimos mantegados* quitandeiros (sustentadores do globo) no monopolio da farinha secca. Cuidado Snr. Delegado de Policia com os couces do cavallo de Satanaz. Nós, porem, estaremos em defesa de S. S. que se interessa pela pobreza.

O já dito, referido e mencionado irmão, do Aleixo, veio feito criado do cunhado do *Pinto funil*, e comendo a proa. Que tal é a miseria; contudo d'aqui ha dias andará de cazaca e calças de cazemira, fallando mal do Maranhão.

INUTILIDADES.

Está buzinando.

Farcistas, farcistas, e mais farcistas, recémchegados e frescos.

Buú!... buú!... a elles, por todo o preço.

CORRESPONDENCIA.

Sr. Redactor.

Em que estado estará uma *celebre* Fazenda, pertencente aos Santos Lugares de Jerusalem, que existe em o Termo de Alcantara, e que, contra uma desposição testamentaria mui clara e terminante, está sendo administrada por um frade Italiano? Será certo que esse mesmo frade tem vendido escravos d'essa Fazenda? A ser assim, o que fazem as Authoridades Publicas?

Responda-me Sr. Redactor, por que tenho de voltar ao mesmo proposito.

S. Luiz 23 de Dezembro de 1852.

Um Christão.

COMMUNICADO.

Desde que o Snr. Manoel Nascimento d'Abreu, assentou praça de soldado particular, nunca tiverão os seus commandantes que dizer d'elle, quer no corpo de policia, quer no meio batalhão do Piahy ao qual pertence. Depois porem que o Snr. Coronel Carvalho deixou o commando deste batalhão, que muito tem soffrido o Snr. Abreu por causa das nojentas intrigas arranjadas por um celebre *Marroquino*; pelo que, o pobre moço bastantes dentadas tem levado do *Queixada branca*.

Ha tempos fizeram segundo dizem, o cadete (servindo de official) João J. P. de Farias dar uma parte contra o Snr. Abreu, parte esta que o fez logo ser recolhido a prisão e entrar em conselho de investigação. Este conselho que se reuniu em 16 do corrente, e que foi composto de honrados e intelligentes officiaes não julgou provada a parte; não obstante, porem, foi rebaixado o Snr. Abreu de Sargento e continua a estar prezo!

Ainda que em muito conceito temos o Snr. Tenente Coronel Pessegueiro actual commandante deste batalhão, incapaz de praticar uma injustiça; com tudo, não podemos deixar de dizer que sobre elle neste negocio alguma responsabilidade peza, por muito se confiar de todos: SS não deve julgar os outros por si.

Queremos que um commandante caprixe, e muito, para que os seus commandados sejam disciplinados, intrepidos & &, mas queremos que elle tambem não exceda, nem consinta que os officiaes excedão aos castigos por lei marcados, que procure evitar as intrigas e animosidades, que finalmente se lembre que elle faz as vezes de pai aos seus soldados; que há alguns officiaes tão barbaros que tratão aos soldados mil vezes peor do que a um indigno escravo.

Esperamos que estas nossas reflexões farão com que SS se convença de que talvez exista no seu batalhão algum official, que de humano só tenha a fórma.

Provavelmente teremos ainda de tratar minuciosamente das injustiças que se estão fazendo ao Sr. Abreu.

18²⁰
12⁵²

Os duellistas.

PUBLICAÇÃO PEDIDA.

Saudação ao insigne Actor Antonio José Duarte Coimbra.

Os cães despresando que buscão morder-te
Garboso ferrolhas do genio do mal
Na scena ostentando teus dotes sublimes,
Teu nome coroastes de gloria immortal.

O povo, que applausos immensos te dá
Suffoca quem brusco teu genio deprime
Despresa mesquinhas, infames vozeras,
E a turba dos zoilos, altivo reprime.

Mil glorias, mil coroas, já tu alcançaste
No palco formozo do lindo BRAZIL,
Na parte difficil do Tórpe Fr. Gil.

Pernambuco 22 de Novembro de 1852.
Juvilino Arminio de Barros Corrêa.

Eleições para deputados à Assembléa Geral Legislativa.

VOTAÇÃO CONHECIDA.

<i>Os Srs.</i>	<i>Votos.</i>
Dr. José Thomas dos Santos e Almeida.	375
Dr. D. Francisco Balthasar da Silveira.	342
Tenente-Coronel Antonio R. T. Vieira Belfort.	334
Conselheiro João Duarte Lisboa Serra.	332
Dr. José Ascenço da Costa Ferreira Junior.	332
Dr. Candido Mendes d'Almeida.	327
Dr. Antonio Marcelino Nunes Gonçalves.	259
Dr. Manoel de Cerqueira Pinto.	134
Dr. José Jansen Paço.	88
Dr. Gonçalo da Silva Porto	41
Dr. José Martins Ferreira	40
José Frazão Varella.	31
Dr. José da Serra Nogueira.	30
Francisco Raimundo Correia de Faria Sobrinho	2
Dr. Frederico José Correia.	1
Dr. Fabio Alexandrino de Carvalho Reis.	1
Dr. João José Vieira.	1

(Do Observador.)

Maranhão—Typ. do OBSERVADOR de F. M. d'Almeida
Impresso por R. F. Corrêa.—Rua da Palma—1852.